

Cité Universitaire e Maison du Brésil: elite e desterritorialização de identidades de pesquisadores brasileiros em Paris*

Ceres Karam Brum**

Resumo

O texto objetiva refletir sobre a Maison du Brésil a partir de significações que a caracterizam como um território brasileiro em Paris. Deseja-se analisar a circulação internacional de estudantes e pesquisadores que lá vivem e que têm uma experiência educacional de múltiplas dimensões enquanto experiências de desterritorialização de identidades e suas consequências em um espaço habitacional ao mesmo tempo público e privado. Baseado em análise documental, trabalhos de campo de cunho etnográfico e entrevistas, apresentam-se alguns aspectos da história e do cotidiano da Maison du Brésil e da Cité Internationale Universitaire de Paris. Deseja-se, ainda, mostrar como algumas significações de brasilidade e de afirmação regional são utilizadas como suporte para as crises de identidade vivenciadas por membros de uma suposta elite brasileira em Paris, ao analisar as particularidades das mediações estabelecidas pelos moradores da Maison du Brésil, na sua formação e inserção internacional.

Palavras-chave

Educação; elite; território; brasilidades; identidades.

Abstract

The text reflects on the Maison du Brésil from meanings that characterize it as a Brazilian territory in Paris. It aims to analyze the movement of international students and researchers who live there and have an educational experience of multiple dimensions while experiences of deterritorialization of identities and their consequences in a living space in the same time public and private. Based on documentary analysis, fieldwork and ethnographic interviews presents some aspects of the history and daily life of the Maison du Brésil and the Cité Internationale Universitaire de Paris. This paper also wants to show how some meanings of regional Brazilianness and affirmation are used as support for the identity crises experienced by members of an alleged Brazilian elite in Paris, when analyzing the particularities of mediations established by residents of Maison du Brésil in their training and international integration.

Keywords

Education; elite; territory; brazilianness; identities.

* Uma versão deste texto foi apresentada em Maynooth, Irlanda, em agosto de 2010, no *Elite groups: crisis and imagination* durante a European Association of Social Anthropology Conference. EASA 2011 gostaria de agradecer às inúmeras contribuições dos seus participantes, bem como a Anne-Marie Thiesse, Angela Brito, Bernardo Buarque de Holanda, Cássio Albernaz e Renato Ortiz, pela leitura atenta e interlocuções realizadas para o amadurecimento deste texto. Igualmente, desejo expressar minha gratidão a direção e funcionários da Maison du Brésil e a todos os seus residentes que colaboraram com a pesquisa durante o ano de 2010. Com o intuito de preservar sua privacidade, os nomes utilizados neste texto são fictícios. Uma versão em inglês relacionada a este texto foi publicada na Revista *Sociology Study* (vol. 1, n.1, p.31-48) em junho de 2011 com o título: *Maison du Brésil: a student residence for the Brazilian elite in Paris.*

** Ceres Karam Brum é professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação da UFSM. Coordenadora da Licenciatura em Sociologia da Universidade Federal de Santa Maria

1. Considerações iniciais

A Maison du Brésil é uma das quarenta residências que formam o conjunto arquitetônico da Cité Internationale Universitaire de Paris - CIUP. Algumas dessas residências (aproximadamente vinte e três) possuem um “caráter nacional” e destinam-se a acolher estudantes e pesquisadores de pós-graduação durante um período temporário que pode variar de algumas semanas ao correspondente à obtenção do título de doutorado pleno em Paris. A CIUP foi concebida na década de 1920, ganhando, de seu principal idealizador, André Honorat, o significado de um espaço internacional de integração das elites intelectuais em formação no solo francês. Naquele momento, atendia a dupla necessidade de melhoria das condições de hospedagem estudantil do período, situadas no *Quartier Latin*, e do desenvolvimento de um espírito internacionalista em prol da manutenção da paz mundial, abalado pela Primeira Grande Guerra.

A Maison du Brésil foi inaugurada em 1959 durante o governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira. Nesse momento, o Brasil vivia um período de crescimento econômico caracterizado pela historiografia como o “nacional desenvolvimentismo”. Sua construção se deu a partir da negociação entre a França e o Brasil iniciada durante a década de 20. O governo brasileiro, ao patrocinar a construção da “Maison du Brésil” em Paris a partir de um acordo com a Universidade de Paris (a qual está circunscrita a CIUP), apostou na necessidade de disponibilizar uma estrutura habitacional para seus pesquisadores, visando a internacionalização educacional de suas elites.

O prédio de concepção modernista assinado por Lucio Costa e Le Corbusier foi construído em três anos com recursos do Ministério da Educação do Brasil, via rubrica da CAPES. A partir do Decreto 56.728 de 18/08/1965, a Maison du Brésil passa a ser vinculada ao Ministério das Relações Exteriores e seu diretor é regulamentado como agente de missão oficial do Brasil na França, com orçamento anual de 63.800 US. Na década de 1970 o estatuto da Maison du Brésil foi modificado. Sua doação ao governo brasileiro foi alterada através da nova composição do Conselho de Administração da Casa, restrita para seis dos dez membros anteriores, com apenas um membro brasileiro e sem a presidência do Embaixador do Brasil. É criada a Commission de la Fondation Franco-Bresiliénne para supervisionar as atividades do Conselho de Administração e do diretor da casa, com o objetivo de “melhor” ordenar a cooperação entre os dois países.

A Maison du Brésil passa a se chamar Fondation Franco-Bresiliénne (SALIM, 2004, p. 2).

Apesar dessas alterações que resultaram na restrição de autonomia brasileira frente a sua administração (os novos diretores franceses passaram a ser indicados pelo Conselho de Administração), a subvenção anual do governo brasileiro foi mantida até 1981. Sua supressão, em 1982, foi alvo de protestos e da organização dos residentes junto às autoridades brasileiras. Entre 1982 e 1995, passou a ocorrer certo desvirtuamento da Maison du Brésil como residência universitária. Ela começou a receber muitos passageiros (hóspedes temporários) utilizando valores superiores aos cobrados aos estudantes/pesquisadores (que tiveram igualmente tarifas reajustadas). Em 1985, quando o prédio da Maison du Brésil foi inscrito como patrimônio histórico francês, este já apresentava indícios de deterioração, problemas de segurança e insalubridade.

A residência abrigou, durante a Ditadura Militar, alguns exilados políticos e, em 1968, a Maison du Brésil foi alvo das manifestações estudantis, sendo depredada. A partir da década de 1970, passou a sofrer o desgaste da falta de manutenção, culminando com a sucessiva deterioração de aposentos e mobiliário na década de 1990. Após três anos de vacância do cargo de diretor e de trinta anos de gestão francesa, em 1996, a direção passa a ser ocupada por uma arquiteta brasileira que a assume tendo a difícil missão de buscar uma aproximação com o governo brasileiro, a fim de conseguir os recursos necessários à sua restauração. O empenho neste trabalho resultou no fechamento da Casa do Brasil entre 1997 e 2000, para sua reconstrução, com a modificação nos seus estatutos, propiciando a retomada de sua autonomia.

Isso se deu após apresentação da disposição do MEC em repassar dois milhões de dólares para a reconstrução da Maison du Brésil, desde que fossem alterados os estatutos vigentes do Conselho de Administração da Casa. O MEC, através do Itamaraty, opunha-se, assim, formalmente, à proposta de recuperação da Fondation Franco-Brésiliénne apresentada ao Conselho Administrativo da Casa do Brasil, que condicionava sua reforma a modificar o ato de doação para anexá-la a *Fondation Nationale*, o que implicaria na perda definitiva do seu caráter nacional. Com a aceitação por parte da CIUP das condições apresentadas acima, a Casa do Brasil foi fechada para ser reconstruída. Foi reaberta em 2000 e reinaugurada em 2002.

Uma análise desse breve histórico da Maison du Brésil e do próprio cotidiano de seus habitantes na atualidade, demonstra a importância da residência para a história da educação nos dois países, na formação de pesquisadores de diversas áreas. Nesse sentido, duas questões se impõem: as ditas identidades nacionais e regionais envolvidas nesse processo de circulação de pesquisadores entre o Brasil e a França e a vivência dessas identidades em um cenário de desterritorialização significado amplamente como um território brasileiro em Paris, em que aparecem com frequência referências ao termo elite em suas múltiplas significações.

Tais significações foram percebidas através das falas dos residentes e por parte da atual administração da Maison du Brésil. O termo também aparece nos discursos de autoridades políticas e educacionais em cerimônias oficiais realizadas na Maison du Brésil, na documentação consultada e, principalmente, no que concerne a superação de algumas ditas crises de identidade enfrentadas por seus habitantes observadas durante os trabalhos de campo realizados entre 2004 e 2011.

Parece óbvio que a referência ao termo elite no momento de construção da Maison du Brésil não se refere a sua derivação econômica. A hipótese da existência de uma elite econômica no Brasil e seu deslocamento para a França com vistas a uma formação internacional excluiria *a priori* a necessidade de um suporte habitacional nivelador. Ao contrário, implicaria na existência de capital material e simbólico garantidor da viagem e seu sucesso, em termos de uma diferenciação financeira potencial, conforme propõe Wagner (1998, p.13), ao apontar a “identidade internacional” como uma reivindicação dos estrangeiros de classes superiores que vão para a França.

Parcialmente excluída a hipótese de estarmos diante de uma elite econômica, é preciso pensar que a importância atribuída à categoria elite talvez não esteja ligada a uma adjetivação (econômica, política, intelectual, por exemplo) definidora de seus membros, mas a uma conotação diferenciadora, um caráter de distinção que espelha, na perspectiva de Bourdieu (1979, p.585), para quem todos os agentes de uma dada formação social tem em comum critérios de classificação que opõem auto e baixo, puro e vulgar, elite dominante e massa dos dominados.

Essa percepção sobre uma certa conotação diferenciadora de seus habitantes e a vivência de identidades desterritorializadas aflorou de minha imersão etnográfica na Maison du Brésil. Meu tema de pesquisa, nesta perspectiva, não são as elites brasileiras

em suas diversas adjetivações, mas pesquisadores e estudantes que, em uma experiência acadêmica de formação internacional que lá se “hospedam” e, de certa forma, vivem o Brasil fora do Brasil, o reinventam na França, a partir da Maison du Brésil.

A questão relativa à elite surge num momento de desterritorialização desses sujeitos (do Brasil para a França – Paris, CIUP, MAISON DU BRÉSIL). Nesse sentido, os processos de reconfiguração de identidades em termos dos diacríticos que acionam ou mesmo das atribuições que lhes são conferidas nesse contexto se dão enquanto experiência educacional de múltiplas dimensões, em outro território. Um espaço habitacional ao mesmo tempo público (patrimonializado) e privado, significando território de múltiplos contrastes onde se processam relações que abarcam dimensões locais, regionais, transnacionais e mundializadas.

2. «Rapprocher les élites au service de la paix»¹

A criação da CIUP ocorreu em 29 de junho de 1921 (ANUAIRE, 2004, p. 20), com a publicação da lei que aprovou sua construção no Jornal Oficial da França. Sua concepção se comunica com a dupla perspectiva da celebração do nacional e da “abertura para o exterior” no período entre guerras. A gênese da CIUP se deu na interpretação de Lemoine (1990, p.21), em 1920, graças ao encontro entre o reitor da Universidade de Paris, Paul Appel, e o industrial Émile Deutsch de la Meurtre, que se propôs a financiar uma residência para alojar trezentos e cinquenta estudantes. André Honorat, então ministro da instrução pública da França, direcionou essa possibilidade de doação à criação do que seria futuramente a Cité Internationale Universitaire de Paris. A inauguração da primeira residência, a Fundação Louise e Émile Deutsch de la Meurtre, ocorreu em 1925 após a superação de um conjunto de obstáculos administrativos que englobaram a demolição de parte da Fortificação de Paris nas imediações da Porte de Gentilly e da Porte de Orléans e a evacuação dos antigos habitantes (desabrigados e refugiados) que viviam em carretas e cabanas improvisadas da região.

A CIUP se inscreve em um projeto modernista e internacionalista ligado à celebração do nacional. Um exemplo dessa política, com relação à Europa e à França, desde o século XIX, foram as Exposições Internacionais. Conforme Thiesse (2000, p. 196-198) a grandiosidade dessas “exibições identitárias” tem objetivos civilizatórios e

¹ Aproximar as elites a serviço da paz. Frase citada por Lemoine (1990, p.27) para explicitar a concepção dos fundadores da CIUP.

territoriais, dotados de uma pedagogia da pertença ao exibirem miniaturas das nações em sua diversidade para serem cultuadas.

A CIUP também encarna a dimensão “civilizatória”, de atração, alargamento e melhoria das condições de moradia para estudantes estrangeiros em Paris, como demonstra Karady (2002, p. 56) ao relacionar a dimensão mítica da magia exercida por Paris como capital intelectual da Europa com a constituição de produtos para consumo cultural, como as universidades e academias, inexistente em outros lugares. Para ele (KARADY: 2002, p. 59), a CIUP se inscreve em um dos esforços políticos do estado francês (com fundos de diversos países), objetivando favorecer a vinda de estudantes estrangeiros para Paris.

O contexto de sua concepção é o período entre guerras que, segundo Hobsbawm (1995, p.21), além de uma crise nas democracias europeias, é perpassado por uma forte influência socialista. Do ponto de vista das artes e da educação, “qualquer que fosse a bagagem local do modernismo, entre as guerras ele se tornou o emblema dos que queriam provar que eram cultos e atualizados” (HOBSBAWM, 1995, p.183).² Esse período também se caracteriza pela busca do pacifismo com a criação da Sociedade das Nações (1919). Nessa mesma perspectiva, a CIUP objetiva materializar um território ideológico para a criação de uma “sociedade de estudantes de todas as nações”, propiciando a aproximação das elites internacionais que, ao retornarem aos seus países de origem, se tornariam, também, verdadeiros “Cavaleiros à Serviço da Paz”. Para André François-Poncet, presidente da Fundação Cidade Universitária, no ato de inauguração da *Maison du Brésil*, em 1959:

Pois a Cidade não é um hotel, ou uma coleção de hotéis, onde a vida é mais barata que noutros lugares. É um ponto de contacto internacional. Foi criada em seguida à primeira guerra mundial, com a ajuda dos governos estrangeiros e doadores generosos, para fazer viver em comum, durante dois ou três anos, uma elite de jovens procedentes de diversos países (atualmente, somam setenta as nações de origem), para levá-los a se conhecerem, a unirem-se pelos laços de estima e amizade, a permanecerem ligados, no prosseguimento de sua vida e de sua carreira, e a fazer paulatinamente predominar em suas pátrias respectivas a consciência da solidariedade humana, o espírito de consciência e de ajuda mútua. É isso que confere a Cidade Universitária do Boulevard Jourdan a característica que lhe é própria e que a torna diferente das demais (*Discursos Maison du Brésil*: 1959, p.40).

² É nesta perspectiva que são também criados os Colégios Maiores da Universidad Complutense de Madrid. No que tange as relações educacionais com o Brasil é inaugurada em 1962 o Colégio Casa do Brasil, num contexto similar a criação da *Maison du Brésil* na CIUP. Fonte <http://www.casadobrasil.org/Historia-br.html> consultado em 31 de maio de 2010.

Lasso de Vega (1948, p. 499) analisa os *Colégios Mayores* como *lócus* de formação das elites dirigentes da Espanha, que possuem uma função nacional de formação dos governantes.

O projeto da CIUP extrapola duplamente a criação de alojamentos e a formação universitária francesa. Ele atinge uma perspectiva educacional ampla em prol da manutenção da paz mundial, com a exigência de formatação de mentalidade moderna do entre guerras. A pedagogia do sentimento de pertença acima referida abrange pelo menos três aspectos: visa a compatibilizar exibições identitárias da França e dos diferentes países que constroem seus pavilhões na CIUP, o aprendizado da nação francesa e os ideais universalistas pacifistas do período de sua criação.

Atualmente, esse aprendizado pode ser percebido na arquitetura das casas, nos espaços coletivos, em suas normas e atividades culturais (tal qual as exposições internacionais, daquele momento) que estão em interlocução com as nações e regiões que lá possuem Maisons, bem como com suas peculiaridades de organização e relativa autonomia, que se dinamiza ao longo da história da CIUP.

Sua proposta contemporânea atualiza os ideais que a originaram nos anos 20 e objetiva favorecer o desenvolvimento da circulação internacional das elites em formação a partir do oferecimento da estrutura habitacional necessária “integrada” à cidade de Paris, como proposta para o desenvolvimento individual de cada residente. Como projeto coletivo, a perspectiva de integração a partir do convívio de estudantes de diversas nações e regiões se expressa nas atuais quarenta residências que a compõem e materializam a representação da diversidade-mundo na proposta de espaços coletivos a serem partilhados por todos os seus habitantes, como a Maison Internationale, por exemplo, que possui biblioteca, restaurante universitário, teatro e espaço para esportes.

Uma das características da CIUP como território de circulação internacional é a interlocução entre os modos de ser do outro estrangeiro (compatíveis) nas respectivas Maisons com a ênfase da “nação” francesa em sua dimensão espacial pública. Essa composição da dialogia público/privado que ocorre nos espaços coletivos da CIUP também pode ser perceptível em cada uma das residências, onde a ocorrência da circulação internacional é mediada pelo peso do nacional, expresso nas relações sociais e redes, interfaces e circularidades, que, por sua vez, remetem aos dilemas do multiculturalismo que articula de forma desigual a questão cultural e convive, com dificuldade, com a diferença. Percebe-se a preponderância da nação francesa (espaço/território) de situação da CIUP. Ela passa a ocupar a dimensão de universal

frente aos demais “particulares” nacionais (locais) presentes, neste cenário discursado como multicultural.

Todorov (2008, p. 266), ao analisar as relações entre comunidades no interior dos estados no mundo pós-moderno, desenvolve a noção de cosmopolitismo (também chamada “a torto” de multiculturalismo). Ele o caracteriza como o promotor da pluralidade cultural e alerta sobre a necessidade da existência de uma norma universal concernente à igualdade de todos os seres humanos, que imponha uma regulação das diferenças. Para o autor, a ideia de uma Europa cosmopolita é complementar a uma Europa das nações, uma pressupondo a outra e conferindo-lhe moldura. Anteriormente, Mauss (1969, p. 629), ao analisar o significado do termo cosmopolitismo o relaciona a um conjunto de ideias e de fatos que levam a destruição ou a negação da nação, reservando para o termo internacionalismo (contrário ao cosmopolitismo) uma dimensão que reforça a dimensão nacional e, conseqüentemente, a ela o submete.

Segundo Walton (2010, p. 3), que estuda as relações entre internacionalismo, nacionalismo e estudos no exterior a partir da circulação de estudantes entre os Estados Unidos e a França, de 1890 a 1970, o conceito de internacionalismo cultural possui dimensões plurais que remetem aos diversos contextos históricos de sua utilização, sujeitos e organizações envolvidas, enfocando a questão estudantil.

A CIUP, por se configurar como um dos *locus* da cultura internacional na Europa, se inscreve na proposta do internacionalismo cultural de Walton (2010). Nessa perspectiva, a conjugação de elementos de afirmação do nacionalismo com a ideia de internacionalismo que caracteriza o internacionalismo cultural apresenta fins pedagógicos a serviço da formação individual dos sujeitos que lá residem.

Para Ortiz (2000, p. 62), a constituição de um território se relaciona com a capacidade de manipulação simbólica do grupo em termos de delimitação espacial, ou seja: “um grupo é um território capaz de delimitar suas próprias fronteiras.” A CIUP se constitui no território em que se produzem esses vínculos/relações duplas, ditas desterritorializadas, entre as nações dos estudantes (representadas pelas Casas do seu lugar de origem) e os espaços coletivos onde ocorre a publicização do nacionalismo francês enquanto padrão comportamental prescrito.

Por sua vez, para Abelés, a desterritorialização se relaciona com a circulação internacional de pessoas, ideias, significados, mercadorias e pode ser entendida em um largo espectro teórico e metodológico que se propõe a analisar desde as complexas

questões concernentes à vida dos imigrantes até o entendimento dos deslocamentos temporários propiciados pelo turismo (2008, p. 203).

Do ponto de vista de sua concepção, a CIUP têm a preocupação expressa de evitar a formação de guetos nas diferentes residências e efetivar a integração dos pesquisadores de diferentes nações. Essa busca ocorre através da “*brassage*” (*action de remuer, brasser pour mélanger*) que corresponde à ocupação de até 30% de cada uma das residências por estudantes de nacionalidades diversas da nação que a Maison representa. Nessa norma estabelecida pela CIUP, cada casa possui a liberalidade³ de trocar residentes, através de acordos entre as Maisons efetuados por seus diretores, em que é observada a estrutura a ser oferecida e as condições de alojamento, por exemplo.

É através da *brassage*, que objetiva literalmente misturar, que se efetiva a circulação internacional entre os residentes dentro dos limites da CIUP. A situação de *brassage* vivenciada pelos pesquisadores coloca a questão da obrigatoriedade de interlocução com o mundo do outro como uma condição de sobrevivência.

3. Maison du Brésil

Historicamente, esta interlocução entre os pesquisadores brasileiros e não brasileiros se percebe de forma peculiar na Maison du Brésil, conforme expôs o ministro da educação Clóvis Salgado durante a cerimônia de sua inauguração, em 24 de junho de 1959, quando se refere às relações entre a França e o Brasil:

Destinando-se a servir o intercâmbio intelectual, o pavilhão do Brasil é ele próprio o resultado de uma colaboração internacional. Confiando a Le Corbusier o risco original de Lucio Costa, o Governo do Brasil quis prestar merecida homenagem ao inspirador da moderna arquitetura brasileira [...]. A inauguração da “Casa do Brasil” é tanto mais significativa quando coincide com uma notável extensão dos contactos culturais entre os nossos dois países. Por certo a identidade espiritual entre brasileiros e franceses não é nem um produto político nem uma fórmula diplomática, nem uma ligação ocasional de interesses do momento. É uma realidade de dois povos, do povo francês que de nós se aproximou desde a época antiga das descobertas, do povo brasileiro que compreendeu e amou a França e o seu espírito desde que teve consciência do seu destino (Discursos Maison du Brésil: 1959, p.10).

Tendo por perspectiva oferecer uma formação internacional para os pesquisadores brasileiros, o entendimento das relações entre França e Brasil é situado na intensificação de trocas culturais baseadas no acolhimento francês e em sua valorização como espaço de erudição. As relações Brasil/França se justificam por uma necessidade

³ Esse percentual corresponde a interpretação dos dados citados aos residentes por ocasião da entrevista de admissão com a diretora da Maison du Brésil. Também se encontra expresso no site da CIUP com relação à presença desse mesmo percentual de ocupação por franceses nas residências que a compõem.

de aprendizado cuja conscientização do destino brasileiro (um país em processo de modernização) se daria a partir de um processo de elevação intelectual das elites brasileiras em solo francês e, na CIUP, conforme o discurso do então Ministro da Educação da França, André Bouloche, em junho de 1959:

Somos felizes de vos receber nesta Cidade, que é um pouco a imagem do mundo moderno: sabeis que esta cidade para corresponder os anseios de André Honorat, seu grande fundador, reúne atualmente estudantes de 72 países: 32 casas foram assim doadas pela Universidade de Paris, cujas fundadoras firmaram contrato com a Universidade de Paris, doando-lhe magníficas construções destinadas a abrigar a juventude universitária, estabelecendo as condições de sua contribuição e as modalidades de sua ação no conjunto da Cidade. Conhecemos os proveitosos resultados destas trocas e a vantagem do original estatuto desta Cidade, única em Paris e no mundo, com seus 5000 estudantes, seus regulamentos privados e de caráter próprio: procurar entender-se mutuamente da melhor maneira, descobrindo os diferentes valores que cada país representa (Discursos Maison du Brésil: 1959, p.17).

A questão do espaço da moradia como expressão e representação da nação brasileira na França é fundamental para entender esse processo, pois remete ao país de origem como local a que as elites devem obrigatoriamente retornar. A integração ao mundo francês, nesse sentido, “deve” ser restrita e temporária, pois ela apresenta limites claros. A interlocução na CIUP ocorre entre as elites de diversos países e, em alguns casos, com franceses de distintas regiões da França. Um cenário para “os estrangeiros” habitarem em Paris.

Atualmente, o contato dos pesquisadores brasileiros que desejam residir na Maison du Brésil ocorre através do website <www.maisondubresil.org>, que a apresenta destacando aspectos de sua história e reconstrução, seu caráter patrimonial e seus residentes ilustres. Há, também, um *link* para a Maison du Brésil no site da CAPES, o que denota um conjunto de relações estabelecidas entre esse programa de financiamento de pesquisadores de pós-graduação e a Maison du Brésil. Essas espelham que a imagem da nação e seus embates perpassam a história da residência e da própria Cité Internationale Universitaire de Paris que a abriga.

A documentação consultada sobre a história da Maison du Brésil demonstra certa autonomia na sua constituição normativa em relação a escolha de seus residentes, compatibilizando seus regulamentos com as exigências normativas da CIUP. Seus critérios de admissão privilegiam os bolsistas do governo brasileiro CAPES e CNPq, considerados, pela administração da Maison du Brésil, como representantes da elite intelectual brasileira.

O estabelecimento da relação entre concessão de bolsas de estudo e constituição de uma “elite intelectual” convida a pensar sobre o alargamento do conceito de elite com relação ao Brasil, na atualidade. A valorização de critérios meritocráticos individuais, através da premiação com a bolsa de estudos no exterior, e a existência de um acordo entre a Maison du Brésil e a CAPES/CNPq demonstra um interesse do estado brasileiro de propiciar a seus bolsistas certa “idealidade” de condições para o desenvolvimento de seus estudos que favorece o estabelecimento de critérios de distinção. Nesse caso, a distinção se estabelece através do investimento “escolar” na aparência de legitimidade, a serviço da legitimação dos privilégios, conforme Bourdieu e Passeron (1964, p. 40). O fim visado é a produção de uma coincidência de interesses entre ensino superior e desenvolvimento nacional, que culmina, no caso, com a reprodução, segundo Bourdieu e Passeron (1974, p. 191), de determinados privilégios dos bolsistas brasileiros no exterior em relação aos demais pesquisadores.

Conforme demonstram os e-mails abaixo, recebidos através da lista APEB⁴, há uma percepção heterogênea por parte dos pesquisadores brasileiros na França sobre a Maison du Brésil, agências de fomento e a *brassage*:

oi crianças
vou direto ao ponto: para facilitar a vida de quem ainda não está em Paris e precisa resolver o maior problema daqui.. a savoir: onde morar (logement)
1- a Maison do Brasil não existe! não é nenhum exagero chamar - mesmo que malvadamente - a mesma de Maison da CAPES!
por que? pois foi a CAPES que, após pagar parte da dívida da Maison du Bresil, simplesmente monopolizou as vagas; nada menos que isso!
2 - as 'noticias' que pairam sobre abuso de poder, arrogância e outras baixarias mais... não são apenas 'rumores'
morei 3 anos na cité (em outras maisons) e conheci gente que tentou mudar os 'esqueminhas' da Maison du Brésil.. humm.. sem sucesso!
3 - o processo de pedido de moradia na cité U. (até 2009) pelo menos, era o seguinte:
inscrição pela Internet
seu dossier é enviado a Maison de seu pais
tem-se (ou nao) a resposta depois de 'algum' tempo..
ou seja, se vc NAO é bolsista da CAPES (que são aliás..estudantes que devido ao valor de suas bolsas.. os que menos precisam) recebera , com sorte, um NAO da Maison da Capes!
sad but true! (mensagem recebida por e-mail em 18 de junho de 2010)
.....
Olá,
faz quase um ano que moro na cité (na verdade morei apenas 15 dias na Maison

⁴APEB-FR (Associação de Pesquisadores Brasileiros na França) é uma associação que há vinte e cinco anos congrega pesquisadores na França e promove e apoia atividades culturais e acadêmicas, tais como o Cycle APEB e o extinto Domingo de Sol. A APEB possui uma lista, sem mediação, em que circulam informações sobre os mais variados assuntos. Por uma questão de proteção da privacidade dos atores envolvidos, suprimi seus nomes e demais referências.

du Brésil e depois me mandaram para a Maison d'Argentine, em brassage) e posso dizer que é muito bom! as vantagens são muitas, como localização e preço, mas acho q o mais importante é chegar em paris e poder contar com toda uma estrutura de acolhimento e de pessoas dispostas a te ajudar. eu tb acho difícil se sentir sozinho aqui. normalmente fazemos amigos rapidamente. isso é muito importante, sobretudo nos primeiros meses. claro, existem algumas dificuldades: como se tratam de residências universitárias, existem muitas regras (como ter q pagar para receber visitas, tempo limitado para isso tb, não poder fumar no quarto) e os inconvenientes básicos de dividir cozinha e banheiro com um monte de gente. ah, e se vc ficar na Maison do brasil tem o inconveniente de falar português o tempo todo..o que, na minha opinião, atrapalha um pouco o aprendizado do francês. mas no geral eu diria q é ótimo! ;) abraço e boa sorte.

A *brassage* se processa através da liberalidade revestida de dom que perpassa os critérios de seleção para admissão na CIUP ao longo de sua história, como expressa, em 1959, o presidente da Fundação da Cidade Universitária:

Os estudantes que moram na Cidade Universitária não o fazem por um direito, mas devido a um favor. Esse favor, sempre revogável, lhes é concedido em relação a seus antecedentes escolares, sua situação de família, suas aptidões intelectuais, mas também em vista de suas qualidades morais e sua boa conduta. Essa boa conduta, justificando o crédito que lhes foi aberto, deve traduzir-se por um trabalho sério, regular, pela observância dos regulamentos e da disciplina comum, pela gentileza para com os camaradas, a atenção para com os jovens que participam da vida da cidade. (...) (Discursos Maison du Brésil: 1959, p. 40).

O privilégio de habitar na CIUP, historicamente, parece pertencer a um grupo seleto de pessoas, baseado em critérios que conduzem à constituição de “uma elite” de estudantes estrangeiros na França. Vale a pena pensarmos sobre o caráter modelar desses critérios e seus parâmetros de constituição, pois acenam para a significação do conceito de elite na CIUP, na década de 1960, cuja concomitância de critérios indica uma mescla confusa de valores burgueses (como a questão do mérito escolar) com o tradicionalismo arcaico de uma suposta “sociedade acadêmica de cortes” baseada na origem familiar, em que o caráter de distinção e eleição, conforme Elias (1974, p.75), se expressa na representação “de um favor” e não em um direito dos estudantes de habitarem à CIUP.

A inexistência de uma obrigatoriedade legal de acolhimento aos estudantes (no limite de suas vagas) e o favorecimento/prêmio dos que correspondem aos valores estabelecidos como válidos para a construção de uma elite intelectual mundial que se hospeda na CIUP demonstra que a qualificação e correspondência de “elite” é uma construção social e histórica expressa nos regulamentos e práticas das Maison que a compõem:

Em princípio, as visitas exteriores aos quartos são formalmente proibidas, exceção feita por certos casos especiais submetidos ao julgamento do diretor. As visitas nos quartos entre residentes de sexos diferentes são rigorosamente proibidas. Toda a violação desta regra, qualquer que seja o pretexto, será punida com expulsão em 24 horas. Nenhuma permissão é passível de ser acordada”; “Os estudantes se absterão de toda propaganda política ou religiosa sob qualquer forma que seja na Casa. Nenhum anúncio ou aviso pode ser afixado no interior da Casa sem autorização escrita do diretor.

A rigidez das normas em seu caráter prescritivo ressalta a busca de idealidade dos padrões da época, neste regulamento da Maison du Brésil de 1959. Se, por um lado, a arquitetura modernista arrojada de Le Corbusier e Lucio Costa na Maison du Brésil (em contraponto a outros espaços da CIUP, construídos em estilo neoclássico) convida a uma imersão no mundo moderno de uma casa para efetivamente se habitar e dispor, por outro lado, as normas de sua utilização pelas elites que a habitam se circunscrevem aos ditames tradicionais e arcaicos que remetem ao entre guerras numa concepção do habitar estudantil da CIUP.

A Maison du Brésil⁵ possui cem apartamentos e uma população em torno de cento e vinte e cinco pessoas, incluídos acompanhantes de alguns pesquisadores que habitam em quartos duplos, além de crianças de até nove anos de idade. Os dados a seguir permitem, de forma panorâmica, entender o perfil de seus habitantes. Há cento e dois brasileiros e vinte e três não brasileiros. Destes, sessenta e sete se declaram pesquisadores de doutorado, seis de mestrado e vinte pesquisadores (prováveis pós-doutores). Há, também, doze não brasileiros com cadastramento incompleto e vinte e sete pessoas com categoria não declarada – prováveis acompanhantes ou não brasileiros com cadastramento incompleto.

Em termos de financiamento, as agências de fomento brasileiro figuram como mantenedoras de quase 70% dos pesquisadores. Há cinquenta e quatro bolsistas de doutorado sanduíche da CAPES e quatro do CNPq. Há sete bolsistas de pós-doutorado CAPES e dois do CNPq, além de duas bolsas de pesquisa CNPq, uma do convênio CAPES/COFECUB e três bolsas FAPESP. Há um bolsista FORD FOUNDATION, dois INRIA, um MNHN, um do governo francês, um governo mexicano e um governo japonês, totalizando oitenta pesquisadores com bolsa de estudos.

⁵ Os dados fornecidos pela administração da Maison du Brésil são de abril de 2010 e se baseiam na ficha de admissão dos residentes. A tabela é composta pelo nome completo, local e data de nascimento, nacionalidade, fonte de financiamento e instituição de recepção do pesquisador na França. Não permitem porém, um mapeamento das instituições de origem no Brasil.

Na classificação por área de conhecimento, há certa inexatidão nos dados, o que dificulta em parte sua manipulação: quarenta e oito residentes se ligam às Ciências Sociais e Humanas, vinte às Ciências Biológicas e Biomédicas, dezoito às Físicas e Tecnológicas e cinco às Artes. A recepção por centros de pesquisas na região parisiense é bastante plural, com um destaque para a EHESS, que acolhe quinze pesquisadores, a Sorbonne (em seus variados campus) que acolhe dezesseis e a CNRS, que acolhe quatro. O recorte etário demonstra que a população da Maison du Brésil é consideravelmente jovem: quarenta e dois pesquisadores declaram ter nascido na década de 80, quarenta e um nos anos 70, quinze no decênio de 60, sete nos anos 50 e apenas uma pesquisadora nos anos 40. Há, também, uma predominância feminina na Maison du Brésil – setenta e cinco mulheres e cinquenta homens.

Conforme assinala Garcia Jr. (2009, p.14), ocorreu uma transformação substancial na vinda de pesquisadores para a França ocasionada pela concessão de bolsas de estudos do governo brasileiro a partir de 1962. A análise dos dados dos habitantes da Maison du Brésil demonstra a forte relação de dependência, já assinalada acima, entre mobilidade internacional dos pesquisadores e financiamento nacional da “elite intelectual” em circulação temporária na França, tendo como residência a Maison du Brésil. A percepção das cinquenta entrevistas efetuadas até o presente momento para conhecer a trajetória individual destes pesquisadores também aponta para a dependência da bolsa de estudos/pesquisa no exterior, embora sua origem social e familiar seja muito plural, conforme Garcia Jr:

A concepção dos bolsistas como missionários do país de origem que desejam se dotar de instrumentos que parecem fundar a modernidade nas mesmas bases. Como para outros projetos de migração de longa distância, aquele que parte é depositário das esperanças dos que ficam, na espera de que a apropriação de novas riquezas possa fecundar a vida econômica e cultural local. O acesso internacional de frações dos não herdeiros freqüentemente tem como contrapartida um sentimento de dívida moral frente á frente á coletividade que possibilitou sua saída viável, o que dobra para eles a sensação de ser estrangeiro no país que os recebe (2009, p. 16).

Essa concepção produz uma aproximação entre os bolsistas e o termo elite que persiste no cotidiano dos pesquisadores, nas suas entrevistas e na reunião de boas vindas com a diretora da Casa. O encontro em grupo de até dez pessoas ocorre alguns dias após a chegada do residente na sala da direção e tem por objetivo esclarecer o funcionamento da Casa e da CIUP. A fala de Carlos, economista de Recife, que residiu na Maison du Brésil entre 2003 e 2004, remete a esse momento vivenciado pelos residentes nos seus primeiros dias na Maison:

Cada um que chegava para morar na casa era agendado para um *rendez- vous* com a diretora (individual ou em pequenos grupos). A conversa consistia basicamente na apresentação das principais regras de funcionamento da casa e no esclarecimento de dúvidas, questões que os novos moradores tivessem. Lembro-me especialmente de uma frase da diretora que completava a exposição do regulamento da casa que era: “- por favor não me peçam para transgredir estas regras”. A advertência tem como pressuposto que o brasileiro não cumpre as regras, é avesso à disciplina, pois sempre busca um jeitinho para burlá-las.

Apesar do internacionalismo da CIUP e da Maison du Brésil, cabe assinalar que as reuniões com a diretora se constituem em momentos separados para brasileiros e não brasileiros. Apesar dessa separação (que provavelmente se justifica pela dificuldade de compreensão do francês pelos brasileiros recém-chegados), constatou-se uma ênfase discursiva à relação de complementaridade entre brasileiros e não brasileiros que habitam a Maison du Brésil, perceptível, por exemplo, na menção de que – “*aqui todos somos estrangeiros*”, da obrigatoriedade de se expressar em francês e, principalmente, de que a Casa se configura em um espaço de encontro e convivência das elites mundiais, cujo legado e espírito de concepção da CIUP deve ser respeitado.

A expressão “por favor, não me peçam para transgredir estas regras” expressa a tensão que perpassa as relações na Maison du Brésil e que interpreto como um desentendimento cultural de atuação da atual gestão por vários sujeitos. Tal desentendimento se traduz nas reclamações, por parte da direção, do não cumprimento de normas previamente estabelecidas, como o cuidado com espaços coletivos, por exemplo. Os residentes reclamam da intervenção dos funcionários em suas vidas privadas, e, principalmente, da não subjetivação, da falta de afetividade, flexibilidade e cortesia e de quando são obrigados a deixar seus quartos muitas horas antes da partida de seus voos, de que sua presença nada significa para a direção da casa que apenas se interessa por números.

É, também, nesse contexto que as significações do termo elite pela Diretora da Casa se inscrevem. As menções aparecem nas suas explicações sobre a história da CIUP (construída para fomentar uma mentalidade pacifista internacional, ao abrigar as elites de diversos países) e sobre a Maison du Brésil, que, nesse sentido, objetiva abrigar, ao longo de sua história, seus expoentes intelectuais em formação pós-universitária na França.

Penso que a caracterização dos residentes/bolsistas como – a elite intelectual brasileira – tem um sentido explícito de sua responsabilização pela Casa. Trata-se de um recurso pedagógico utilizado para a sensibilização dos pesquisadores do que significa

habitar na Maison du Brésil. Essa caracterização é antecedida (na reunião com a diretora) pelo convite à apresentação individual de cada um dos participantes e do questionamento sobre sua proposta de colaboração na Casa a que se segue a pergunta “– *Posso contar com você?*” dirigido a cada um dos presentes.

As colocações da Diretora na reunião têm, pelo menos, duas dimensões: convidam à reflexão sobre o habitar a Maison du Brésil como um privilégio da elite intelectual brasileira que, em sua maioria, possui bolsas governamentais; somada a isso, a interpreto como uma referência de padrões de comportamento desejáveis da elite brasileira, que não deve decepcionar.

Esses parâmetros se baseiam em códigos ocidentais partilhados dentro do universo erudito e de padrões de civilidade à brasileira que estão implícitos (não discursados), como no exemplo acima sobre o “não me peçam para transgredir essas regras” e remetem a encarnação, pela administração da Maison du Brésil, da concepção internacionalista que originou a CIUP na década de 1920. Nesse sentido, a diretora tem uma atuação decisiva e muito visível no cotidiano na Casa, que suscita reações heterogêneas:

- Foi importante o conjunto de esclarecimentos sobre a Casa. Após a reunião entendi melhor a necessidade de imposição das normas. Há uma relação entre a Maison du Brésil e as agências de financiamento no Brasil que se percebe na fala da diretora e eu acho ótimo porque uma casa destas que é para os estudantes não pode cair nas mãos de uma embaixada que é política e, neste sentido, o seu trabalho é louvável (Mauro, Direito PUCSP);

- A reunião com a Inez é uma coisa reveladora da Casa, que é uma hospedagem, embora as pessoas a vejam como sua casa pessoal para além de um contrato. Mas me dá calafrios de pensar nisto, que vivemos um rito de imposição da autoridade dela como matriarca. Ela tem uma personalidade muito masculina. É a coisa da fazenda, do Brasil. É o pai que dá “porrada” e dá afeto (Fernando, sociólogo USP).

Ao explorar as diferenças de significação da reunião com a diretora para os dois residentes, cabe salientar a força das reações que sua atuação suscita. Nas representações produzidas sobre a Maison du Brésil, a diretora da Casa é sempre mencionada de forma passional (amada ou detestada). Há, por um lado, o destaque do reconhecimento de sua atuação em termos do processo de recuperação ocorrido na década de 1990 e da manutenção da “ordem” para o funcionamento da Maison du Brésil, mas, também, incontáveis queixas com relação a sua rigidez e insensibilidade.

Os depoimentos são reveladores dos significados das relações entre gestão e os membros da elite intelectual que reside na Maison du Brésil. Nesses termos, a fala de Fernando revela a crítica de um aprendizado de padrões culturais arcaicos de uma

tradição brasileira retrógrada que se projeta na França, justamente em um momento em que seria desejável romper com esses padrões para adentrar em um universo cosmopolita representado pela viagem à Paris.

A manutenção desse *ethos brasilis* recalcaria a possibilidade de abertura e interlocução com o mundo francês, por remeter à presença do Brasil com a imposição de seus “defeitos culturais” via atuação de uma mentalidade retrógrada, denotando que o processo educacional dos brasileiros residentes na Maison du Brésil é totalmente mediado pelas imagens do Brasil. A Casa refletiria como um simulacro a imagem de uma sociedade brasileira hierarquizada, autoritária e tradicionalmente masculina, um Brasil pré-moderno para ser vivido na França.

Alguns pesquisadores (que, como Fernando, tem uma postura de crítica ao universo da Casa) relacionam, inclusive, a falta de inserção dos doutorandos brasileiros no universo acadêmico francês com sua permanência na Maison du Brésil, significada como um *bunker* (para Kahlo, sociologia da UFRGS), *um útero* ou um *porto seguro*, ou mesmo como uma *favela*, a *terra do nunca* ou a *ilha da fantasia* que dicotomicamente acolhe e protege.

Essas representações remetem a um mundo idílico, temporário e irreal de um Brasil para ser vivido na França, inventado pelos pesquisadores que lá residem e que é incessantemente recriado e estereotipado a cada nova festa “de brasileiros” nas cozinhas ou na Cafeteria da Maison du Brésil. A própria interpretação de alguns residentes, ao se considerarem ou não como elite, é reveladora dessas vivências, da corporificação ou não de um *ethos de elite* internalizado e seus desdobramentos com relação à vida parisiense:

- Sobre os brasileiros que estão aqui não dá para pensar em elite. O fato de vir para cá não torna o aluno melhor. Se ele tiver condições prévias ele aproveita e não fica só vivendo com brasileiros. Pela amostragem que eu tenho esses não são os melhores. A experiência internacional é importante para qualquer um, mas nós estamos longe de tudo e a troca depende do aluno. Por isso eu acho que a CAPES é ruim e é burra, ela não tem controle nem parceria com os bolsistas e não deixa claro às coisas mesmo para quem nos recebe (Mauro, Direito PUCSP).
- Dizer que nós somos a elite é muito pouco saudável. Não tenho nenhuma pretensão de ser elite, embora seja designada assim (Beatriz, Filosofia USP).
- A gente que vive aqui se acha uma elite, se acha “por cima da carne seca”. E eu vejo tantos estudantes brasileiros aqui fora que a casa não apóia, que a direção dá às costas. É falso isso daqui, é um Brasil que não existe. É o que a Inez diz que a casa é dela e a CAPES é outra que deixa você na mão (Diana, música UNICAMP).
- Sou sim parte de uma elite, no sentido de poucas pessoas que tem acesso a isto. Parte de um grupo que tem acesso à educação, parte acadêmica e a trocas culturais, renda que também melhora. Mas isso também é um mérito, batalha de cada um. (Sandra, Ciências Sociais Aplicadas IFRRJ)
- Essa casa não reflete a diversidade brasileira porque as pessoas que vem prá cá no Brasil são filhos de classe média alta que tem empregada doméstica, nunca saíram

de casa e não sabem usar espaços coletivos. Não querem estabelecer relações com pessoas que são de mundos diferentes, mesmo brasileiros (Leonardo, fotografia UFRJ).

Há uma pluralidade de percepções do termo elite por parte dos residentes da Maison du Brésil, como: a percepção de fazer parte de uma minoria de privilegiados (casualmente premiados) com acesso à bolsa de estudos, que permite a experiência internacional, e ao sentimento de diferença e superioridade partilhado pelos membros do grupo, em oposição a outros estudantes brasileiros que não a habitam. Ocorre, também, a percepção de um desdém à própria categoria (membros de uma elite brasileira), com um viés de oposições de classes sociais demarcado na diversidade dos seus habitantes, como a discriminação que o termo acarreta e os incômodos que provoca pertencer ou ser percebido como parte dessa categoria.

A polêmica que o termo suscita não desmerece sua dimensão classificatória dentro da Maison du Brésil. Ele é possuidor de um caráter pendular que tem como ponto comum a “diferenciação” que a expressão suscita, oscilando entre uma adjetivação econômica e intelectual. Não há, portanto, entre os residentes, um consenso de que elite se está falando ao pensarmos na Maison du Brésil, embora sua dimensão pedagógica possua uma eficácia simbólica que perpassa o habitar de seus residentes em diversas situações.

4. Em busca da superação da diferença: dos usos e “abusos” da nação e da região à desterritorialização de identidades

A partir das colocações efetuadas ao longo deste texto, é possível relacionar a Maison du Brésil com a constituição em um espaço para a formação das elites, em sentido pleno. Um lugar em que se recria o Brasil e onde se dialoga frequentemente com a vivência de seus estereótipos. Um território brasileiro em Paris de aprendizado cultural temporário dos residentes que desejam se distanciar do Brasil, sem romper os vínculos, como demonstram as falas abaixo:

- A Maison du Brésil é importante porque a gente é acolhido, embora não haja imersão na língua. Na França, na universidade eu me sinto um peixe fora d'água. Tenho dificuldade com a língua. Aqui na Maison du Brésil, as pessoas te ajudam te dão as coordenadas. (Vera, Literatura, Bahia).
- Eu sou um dos amantes da Maison du Brésil, da Cité e do bandeirão. Mas eu acho triste estes estereótipos que são perpetuados. Tem uns índios (uma merda) na porta de entrada da Casa e a gente acaba perpetuando isto. Na Casa da Argentina tem Borges e Cortázar (Jacó; Matemática, Minas Gerais).

Os depoimentos revelam o reconhecimento de algumas vantagens de morar na Maison du Brésil por sua dimensão de porto seguro e da boa estrutura que oferece. As críticas remetem a presença constante do Brasil no universo simbólico de formação internacional desses pesquisadores, conforme analisa Brito (2002, p. 189) ao estudar as relações entre orientadores franceses e bolsistas brasileiros, na década de 90, na França. Um imaginário ambíguo, pois os brasileiros deixam o país desejosos de desfrutar do cosmopolitismo de uma formação internacional e a percebem como perpassada pelo local (HANNERZ, 1990, p. 253). Esse localismo é aqui representado sobretudo pela questão linguística e pela presença, na porta de entrada da Maison du Brésil, de dois manequins de índios em madeira de tamanho natural que, segundo a atual direção, foram pintados pelos índios Yanomami.

A presença ostensiva desses índios provoca profundas inquietações. A imagem do Brasil “oferecida” a visitantes e residentes já na entrada da Casa demarca um território povoado também por outros símbolos menos ostensivos, mas igualmente visíveis, que remetem ao Brasil como os cartazes dos murais, cores, plantas e placas comemorativas. O contato com os índios em madeira e o seu rechaço remete a uma interpretação negativa dessa materialidade por relacioná-la à incivilidade, à irracionalidade. Metaforicamente, remete a um Brasil como um país de bárbaros, de índios que necessitam ser civilizados e colonizados pelos franceses, no contexto da CIUP, em contraposição à imagem destacada da Argentina que apresenta, na entrada de sua casa, as pérolas mais preciosas de seu universo erudito – Cortázar e Borges.

Talvez a revolta se relacione a uma percepção da posição colonizadora que a imagem dos índios enseja, pois remete ao Brasil como o país das cores, do futebol do carnaval, da nudez, da preguiça e não da produção intelectual. Nesse sentido, os índios são representados como um fardo material para a produção de estereótipos que reificam o Brasil como um exótico por excelência para ser vivido na França e a que se soma uma pluralidade de imagens que povoa Paris, como restaurantes de comida brasileira, bares, bailes de forró, lojas de produtos brasileiros etc.

A presença dos índios suscita indignação e revolta, remetendo a questões de suma importância, mas até certo ponto ainda sem resposta. O que é o Brasil que a Maison du Brésil espelha? O que ela deseja mostrar como imagem? Um país que se orgulha a tal ponto de sua pluralidade étnica e da vivência da diversidade que a elege

como representação preponderante e a expõe na porta de entrada de um patrimônio histórico brasileiro na França? Ou a representação de um exotismo idílico e hedonista?

É inegável que a produção dessa representação sobre um Brasil indígena remete a uma dicotomia entre o universo acadêmico e erudito a que pertencem os membros desta *elite* que habita a Maison du Brésil e o mundo natural a que historicamente vem sendo relacionado e generalizado “o índio”. Paradoxalmente, o fato de a fala acima caracterizar a presença dos manequins como *uma merda* ressalta a impossibilidade de ver o outro, de romper com a interpretação do estereótipo e reverter essa representação de sua inferioridade à positividade da diferença, como propõe Babha (1998, p.111).

Os índios ensejam ações noturnas veladas, suscitando à realização de ritos de reversão de status. Em uma festa de despedida, um dos manequins Yanomami foi retirado e levado à Cafeteria por alguns residentes. Lá o índio dançou, foi tocado, adorado e, após, dividido em dois pedaços e jogado num canto, “esquecido” pelos presentes (talvez desprezado). Passado algum tempo, o Segurança que estava na Recepção foi chamado a abrir a porta de um dos quartos e “o índio” pôde ser recolocado no seu lugar de origem, sem maiores consequências.

A ação foi planejada e já havia sido mencionada como um forte desejo em alguns encontros mais íntimos o que interpreto como uma maneira de demonstrar desconformidade, mesmo que velada, remetendo a práticas associadas a um universo adolescente que se projeta na Maison du Brésil, através do cotidiano de suas elites.

Furtar o índio e desacomodá-lo, levando-o a habitar, mesmo que temporariamente, o universo étlico e vivo da Cafeteria, onde se dança e se extrapolam os limites nas festas de despedida, é revelador da utilização de estereótipos enquanto possibilidade de reorganização do universo simbólico para a superação das ditas crises de identidade vivenciadas pelos habitantes da Maison du Brésil.

Bourdieu, ao analisar a circulação internacional de ideias, relaciona o mundo intelectual à dificuldade de gerenciar um conjunto de preconceitos:

On croit souvent que la vie intellectuelle est spontanément internationale. Rien n'est plus faux. La vie intellectuelle est le lieu, comme tous les autres espaces sociaux de nationalismes et de imperialismes, et les intellectuelles véhiculent, presque autant que les autres, des préjugés, des stéréotypes, des idées reçues, des représentations très sommaires, très élémentaires, qui se nourrissent des accidents de la vie quotidienne, des incompréhensions, des malentendus, des blessures (celles par exemple que peut infliger le narcissisme le fait d'être inconnu dans un pays étranger) (2006, p. 3).

Analisado conjuntamente de outros eventos, “a festa com o índio” remete à interpretação do nacional brasileiro e de suas regiões, em que percebi a utilização de recursos caricaturais mesclada a um desejo de autenticidade dessas práticas, tais como a realização de festas de despedida, feijoadas e de alguns churrascos, nos finais de semana, em que se busca reproduzir as características de uma feijoada à brasileira ou de um churrasco à gaúcha:

- Nosso desejo da autenticidade (na busca de um sabor brasileiro) tinha como limites práticos a aquisição dos ingredientes. Em Paris raramente encontrávamos farinha de mandioca, muito menos couve. Vestíamos o *cuzcuz* de farofa e folhas de brócolis de couve mineira. O feijão era um produto de circulação transnacional já que era trazido do Brasil por familiares ou amigos que vinham nos visitar, mas também tentamos cozinhar (obtendo algum sucesso) o feijão vermelho usado para salada na França, em nossas feijoadas, o que nos levou a batizá-las de *Feijoada Métisse*. Para o churrasco compramos carne em um mercado chinês próximo à Casa. Nada que lembrasse muito nossos suculentos espetos gaúchos. A carne foi assada em uma grelha do lado de fora da cafeteria lembrando os *assados de tira* que se come no Uruguai e na Argentina.. Era um dia de janeiro tão gelado que deixamos também nossas cervejas do lado de fora, próximas a churrasqueira improvisada (Diário de Campo, 2004).

Feijoadas e churrascos são ocasiões especiais que reúnem entre vinte e trinta pessoas e em que, embora debatêssemos sobre a nossa não intenção da produção de estereótipos e tentássemos negá-los, se celebrava o Brasil e o Rio Grande do Sul. Conforme as análises de Fry (1977) e Maciel (1996 e 2010), esses rituais alimentares apresentam claras dimensões identitárias. Na Maison du Brésil, remetem à máxima de que talvez nunca tenhamos nos sentido tão brasileiros quanto naqueles meses em Paris. A recíproca me parece também verdadeira para a questão regional, com relação ao Rio Grande do Sul, por exemplo.

Em 2010, em tom de sátira, no quinto andar da Maison du Brésil, habitado por muitos gaúchos, foi criada a *Maison do Rio Grande do Sul*. Uma bandeira do estado foi pendurada na parede da cozinha para decorar uma feijoada de domingo e camisetas dos times do Grêmio e do Internacional foram colocadas ao lado da camiseta da Seleção Brasileira e da foto da seleção da Maison du Brésil. Segundo a fala de Tabajara (pós-doutorado em química), o objetivo dessa exaltação era justamente o de fazer uma brincadeira regional. Segundo Caio (doutorado sanduíche em história 2010), desejava-se produzir uma caricatura da diversidade e de suas relações, já que, no Rio Grande do Sul, ele jamais entrou em um CTG (Centro de Tradições Gaúchas) porque sempre se sentiu um extraterrestre em lugares de exaltação do gauchismo.

Para Thiesse (1997, p. 114), ao discutir a questão da exaltação do regional, num contexto de afirmação do nacionalismo, o voluntarismo na celebração das tradições procura impor a imagem consensual da comunidade nacional através do culto pacífico da diversidade, que tem por finalidade fornecer às novas gerações uma cultura declarada sadia, mas obsoleta, por oposição a uma modernidade cosmopolita.

Ao estudar o gauchismo, Oliven o caracteriza em consonância com o nacional brasileiro, como um caso bem sucedido de regionalismo, “em que a continuidade e a vigência deste discurso regionalista indicam que as significações produzidas por ele têm uma forte adequação às representações da identidade gaúcha” (OLIVEN, 2006, p 90). Igualmente, a identificação com o nacional brasileiro na Maison du Brasil, focalizando as identidades gaúchas, não se opõe ao regional; ao contrário, ela é enfatizada a partir da seleção de sinais diacríticos que afirmam e celebram o regional (BRUM, 2006, p. 259), sem que esses se choquem com o nacional brasileiro. Mesmo assim, nesse caso, enfatiza-se a diversidade regional e reforçam-se os estereótipos da dimensão separatista (a criação de uma Maison do Rio Grande do Sul), que também faz parte da história do Rio Grande do Sul em relação ao Brasil (BRUM: 2010).

Essas satirizações do gauchismo através de suas exaltações se constituem em um jogo sério. Na perspectiva de Ortner (2007, p.46), jogos sérios implicam o jogo de atores, vistos como agentes que implicam na produção e no reconhecimento do poder de agência individual e do reconhecimento coletivo ou rechaço dos promotores dessas festas, em que ocorre a exaltação do nacional e do regional. Creio, assim, que é possível relacioná-las a uma proposta de exaltação identitária do nacional brasileiro e/ou de suas regiões, com a percepção plural existente sobre a constituição e a caracterização dos habitantes da Maison du Brésil como membros de uma elite.

Uma das razões que me leva a estabelecer essas relações é que o local da ocorrência destas vivências, a Maison du Brésil e a CIUP, são historicamente significados por seus idealizadores e administradores como lugares para a formação das elites mundiais. Este território, significado como nacional ou mesmo o local/regional brasileiro, é um lugar em que os sujeitos estão vivenciando uma situação de circulação internacional para adquirirem uma formação cosmopolita e que vêm sendo, por um lado, tratados como um grupo à parte – uma elite –, e também discriminados como outros imigrantes que, mesmo que temporariamente, se sentem exilados na França.

Nesse contexto, a capacidade de manipulação simbólica na configuração do território brasileiro em Paris remete a um universo partilhado de códigos que remetem ao Brasil e as suas regiões. De alguma forma, mesmo correndo o risco de generalizar, é preciso reconhecer que o diálogo que os membros “de uma suposta elite intelectual” estabelecem com a França nesse processo de formação internacional passa, obrigatoriamente, como tentei demonstrar ao longo deste texto, por imagens partilhadas do Brasil e sua manipulação. Mesmo que ocorram em um cenário francês, discursado como cosmopolita, internacionalista e multicultural, a seleção de elementos remete ao nacional brasileiro e a vivência da diferença tem como um de seus objetivos suportar as contradições em que se encerram esses processos educacionais, afirmando identidades nacionais e regionais brasileiras.

Löfgren (1999), ao estudar o sentido metafísico e existencial de cruzar as fronteiras nacionais em seus locais de entrada e saída, refere-se a uma pedagogia multifacetada do espaço que se expressa em relações de ansiedade e desconforto frente ao desconhecido: “another common methaphor is the nation as a house and the immigrant as a visitor knocking at the door or the window, standind at the threshold or in the back yard” (LÖFGREN, 1999, p. 12). A metáfora da casa como nação se materializa e se torna complexa no cenário da CIUP, pois a Maison é significada como território do acolhimento, da integração.

A metáfora da nação como casa, conforme Löfgren, afirma: “there is an ethnification of national identity involved” (1999, p.13) e se expressa de diferentes formas significadas na visibilidade do nacional em suas vivências rituais e cotidianas, na produção de estereótipos regionais e nacionais e nas imagens do Brasil oferecidas na Maison du Brésil. A diferença de um retorno para casa da imagem produzida por Löfgren está na significação inversa, mas também correlata, de viver na Maison. A casa é vivida como a nação e isso se dá por ocasião da saída do Brasil para a França, o que torna a questão da proteção ainda mais significativa. Expressa a busca de um “porto seguro”, que remete ao lugar feliz brasileiro na França, que percebi como sendo afirmado através de representações (mais ou menos) caricatas do que seria o Brasil.

Talvez o provável fiel da balança possa ser o contato com o outro estrangeiro e com seus desdobramentos. A presença deste outro nessas festas é uma constante. Porém, vale ressaltar que ele é também um estrangeiro na França e sua interpretação é plural. Assim, a ritualização vivida extrapola o caráter nacional da feijoada “restrita”

para brasileiros, conforme Fry (1977), e passa a, como símbolo nacional partilhado, incidir na questão da circulação internacional dos sujeitos em formação num cenário cosmopolita perpassado pela reciprocidade, em que se trocam jantares e festas, se ensinam costumes e músicas: são fatos sociais totais (MAUS, 2003, p. 209). Feijoadas, churrascos e outras festas, jantares privados típicos indianos, belgas e libaneses como os que participei na Maison du Bresil se inscrevem no aprendizado de caracteres nacionais recíprocos em que se instauram laços sociais. Esses eventos são palcos de pertencimento e reconhecimento recíprocos e intercambiáveis de afirmação e identificação, conforme propõe Ricoeur (2007, p. 260), ao analisar o percurso da auto-identificação ao poder de agência individual de seus participantes.

A construção observada nas vivências dessa circulação de pesquisadores, também apresenta uma dimensão “local” e se calca em leituras de imagens e na afirmação do nacional brasileiro no exterior através da apresentação de uma diversidade “exótica”, de comportamentos e sabores que destacam uma conotação erótica, reforçando o próprio estereótipo do Brasil no exterior em termos de música, dança e gênero. O que é possível afirmar, em termos da circulação internacional e de suas vivências, é que o peso da recepção desse estereótipo gaúcho-brasileiro é, ao mesmo tempo, duplo e dividido.

Para Bhabha o estereótipo é um modo de representação complexo e ambivalente de identificação fetichista e fóbica que atua na construção do imaginário coletivo. “O fetiche dá acesso a uma identidade baseada tanto na dominação e no prazer quanto na ansiedade e na defesa, pois é uma forma de crença múltipla e contraditória em seu reconhecimento da diferença e recusa da mesma” (BHABHA, 1998, p. 116).

Tanto as afirmações das identidades nacionais brasileiras quanto as de diversidade regional, no tocante ao gauchismo, remetem a um percurso da reconstituição das camadas de tempo e do espaço vivido, expresso nas representações dos pesquisadores residentes da Maison du Brésil, filtrado por minha própria posição e capacidade de estranhar. Para Fieldmann Bianco (2004, p. 293), essa reconstituição remete à questão da memória individual que, por sua vez, está conectada à memória coletiva a respeito de uma experiência vivenciada e representada pelos grupos enquanto discurso identitário comum.

Nesse sentido, a Maison du Brésil pode ser entendida como um território de circulação internacional e formação das elites que é caracterizado pela exaltação da

brasilidade perpassada pelas imagens do Brasil e de suas regiões que também dialogam com as tênues imagens de outras nacionalidades dos “estrangeiros” que lá residem.

Ao que parece, há uma intencionalidade clara por parte da administração da Maison du Brésil e da CIUP em entendê-las como um território para a formação internacional das elites intelectuais que lá circulam e uma pedagogia desse sentimento de pertença a ser internalizado, conforme tentei demonstrar. As significações do termo elite e da própria Maison du Brésil na trajetória de seus residentes são plurais e ambivalentes e refletem, como um simulacro, a lógica descrita por Bhabha do poder de se sentir um cosmopolita, mas com o viés colonial da dominação opressora do local, que aqui dialogam incessantemente na significação da experiência educacional universitária internacional desses sujeitos, expressa em suas falas e demais suportes de memória.

Resta questionar, ainda, se, apesar da diferença substancial existente entre os diacríticos acionados pelos membros da elite brasileira em formação na França que habitam a Maison du Brésil e a afirmação da diferença em situação de exclusão concreta (como no caso da polêmica do véu, por exemplo), há uma diferença de sentido dessas reivindicações identitárias. Caso não exista essa diferença de afirmação, é preciso reconhecer que as elites intelectuais em circulação na CIUP se constituem em imigrantes temporários e especiais, mais igualmente discriminados e apartados do universo francês com que desejam dialogar.

As elites intelectuais internacionais igualmente habitam, utilizando a lógica de Löfgreen, a soleira e o quintal do mundo francês. Uma cidade universitária construída para estrangeiros e que espacialmente situada no quatorzième arrondissement é significada e vivida como a separação entre a região central e o *banlieu* – um vácuo – que separa os estudantes e pesquisadores estrangeiros da “verdadeira” Paris.

Referências bibliográficas

ABÉLÉS, Marc. *Anthropologie de la globalisation*. Paris: Payot & Rivages, 2008.

ALMEIDA, Ana Maria F. [et al.]. *Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras*. Campinas: UNICAMP, 2004.

ANUAIRE. *Internationale des anciens de la Cité Universitaire de Paris*, 2004.

- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Minuit, 1979.
- _____. Les conditions sociales de la circulation internationale des idées, *Regards sociologiques*, n.31, juin 2006, p.3-8.
- _____; CHAMBOREDON, J. C. *Les héritiers. Les étudiants et la culture*. Paris: Minuit. 1964.
- _____. *A reprodução*. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- BRITO, Ângela Xavier de. Transformações institucionais e características sociais dos estudantes brasileiros na França, *Revista brasileira de informação bibliográfica em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, v. 50, n.2, 2000, p. 145-162.
- _____. Rapports interindividuels et politique de coopération. In : VASCONCELLOS, M. ; VIDAL, D. (eds.). *L'enseignement supérieur au Brésil. Enjeux et débats*. Paris. IHEAL/COFECUB, 2002, p.175-190.
- BRUM, Ceres Karam. *Esta terra tem dono: representações do passado missionário no Rio Grande do Sul*. Santa Maria: EDUFMS, 2006.
- _____. Maison du Brésil: a brazilian territory in Paris, *VIBRANT*, v.6, n.1, 2009, p. 91-122.
- _____. Indumentária gaúcha: uma análise etnográfica da pedagogia tradicionalista das *pilchas*. In: OLIVEN, R; MACIEL, M. E ; BRUM, C. K. (org.) *Expressões da cultura gaúcha*. Santa Maria: EDUFMS, 2010, p. 65-96.
- _____. Maison du Brésil: a student residence for the brazilian elite in Paris, *Sociology Study*, v,1, n.1, 2001, p.31-48.
- ELIAS, Norbert. *La société de cour*. Paris: Calmann-Levi, 1974.
- _____. *The civilizing process*. Basil Blackwell-Oxford: Oxford, 1982.
- FELDMAN-BIANCO, B. (Re)construindo a saudade portuguesa em vídeo: histórias orais, artefatos visuais e a tradução de códigos culturais na pesquisa etnográfica. In: LEITE, Miriam; FELDMAN-BIANCO. *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas Ciências Sociais*. 3 ed. Campinas: Papyrus, 2004.
- FRY, P. H. Feijoada e Soul Food, *Cadernos de Opinião*, São Paulo, v. 4, 1977, p. 13-23.
- GARCIA Jr., Afranio. Études internationales et renouveau des modes de pensée et des institutions politiques : le cas du Brésil. In : *Cahiers de la recherche sur l'éducation et les savoirs*. Paris: ARES/MSH, 2009, p.7-31

HANNERZ, Ulf. Locais e cosmopolitas. In: FEATHERSTONE, Mike (org.). *Cultura global*. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 251-266.

HOBBSAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX 1914- 1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KARADY, V. La migration internationale d'étudiants en Europe, 1890 – 1940, *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 145, déc. 2002, p. 47-60.

LASSO DE VEGA, José Sanchez. Funcion nacional del Colegio Mayor, *Revista espanhola de pedagogia del Instituto San Jose de Calasane* tomo VI, n.24, 1948, Madrid, p.479-509

LEMOINE, Bertrand. *La Cité Internationale Universitaire de Paris*. Paris: Éditions Hervas, 1990.

LÖFGREN, Orvar. Crossing borders. The nationalization of Anxiety. *Ethnologia Scandinavica*. Vol.29, 1999, p.5-27.

MACIEL, M. E. Churrasco à gaúcha. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 1, n. 4, 1986, p. 34-48.

MAISON DU BRÉSIL. *Discursos de inauguração*. Ministério da Educação e Cultura: Brasília, 1959.

____. "Documentação de referência". *Arquivos*. Paris, 2010.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão das trocas nas sociedades arcaicas. São Paulo: Kosac-Naify, 2003.

____. *Ouvres*. Vol.3, Paris: Minuit, 1969.

MILLER, Daniel. What is a relationship? Is a kinship negotiated experience. *Ethnos*, vol. 72:4, 2007, p.535-554, Londres.

OLIVEN, Ruben. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis: Vozes, 2006.

ORTIZ, Renato. *Modernidad y espacio: Benjamin em Paris*. Buenos Aires: Enciclopedia latinoamericana de sociocultura y comunicación, 2000.

____. *O próximo e o distante: Japão e modernidade-mundo*. São Paulo: Brasiliense, 2002.

ORTNER, Sherry. Poder e projetos: reflexões sobre a agência. In : Grossi, M. et alli.(org.) *Conferências e diálogos. Saberes e práticas antropológicas*. Brasília ABA. Nova Letra, 2007. p. 45-80.

RICOEUR, Paul. *Percurso do reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2007.

ROTMAN, Patrick. *Mai 68: raconté à ceux qui ne l'ont pas vécu*. Paris : Seuil, 2008.

SALIM, Inês Machado. *Maison du Brésil: cronologia de fatos*. Inédito. Digitalizado: Paris, 2004.

THIESSE, Anne-Marie. *Ils apprenaient la France: l'exaltation des régions dans le discours patriotique*. Paris: Maison des sciences de l'homme, 1997.

____. *A criação das identidades nacionais*. Lisboa : Temas e Debates, 2000.

TODOROV, Tzvetan. *La peur des barbares. Au-delà du choc des civilisations*. Paris: Robert Laffont, 2008.

WAGNER, A. C.. *Les nouvelles élites de la globalisation: une immigration dorée en France*. Paris : PUF, 1998.

WALTON, Whitney. *Internationalism, national identities and study abroad*. Stanford: Stanford University Press, 2010.

www.maisondubresil.org

www.ciup.fr